

## A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO DIALÉTICA SOCIEDADE E NATUREZA EM MARX

Mário Cezar Tompes da Silva \*

Tentaremos nesse ensaio abordar a dialética da relação sociedade natureza a partir de uma percepção marxiana. Mais precisamente, nosso objetivo consistirá em localizar, delimitar e analisar em Marx a sua concepção de como se processa essa dialética.

Naturalmente, a abordagem de tal questão nos coloca frente ao problema inicial de Marx não ter tratado diretamente tal tema. Isso significa afirmar que a relação sociedade natureza nunca se constituiu em sua preocupação central. Não existe nenhuma obra de Marx que trabalhe especificamente e metodicamente tal questão, o que há são certas passagens onde esse tema é abordado de maneira mais ou menos detalhada de acordo com o contexto da obra em que se insere.

Nesse sentido, uma das obras de Marx onde essa questão surge com mais frequência, apesar de não ser tratada sistematicamente é, sem dúvida, a **Ideologia Alemã**. Tal obra representa um ponto de inflexão no trabalho de Marx - é aqui onde ocorre a ruptura com Feuerbach e onde se delinea pela primeira vez sua nova concepção materialista da História.

Porém, nela tudo leva a crer que as novas posições não se encontram ainda inteiramente amadurecidas, pois, conforme sabemos, muitas passagens dos manuscritos originais apresentam-se riscadas, o que denota, no mínimo, certa insegurança e dúvida, aliás próprias de uma fase de transição. Esses fatos nos leva a imaginar que provavelmente partes desse trabalho seriam ainda reescritas.

Tal problema não deixa de representar naturalmente um obstáculo suplementar ao equacionamento e esclarecimento do nosso tema. Tais constatações, contudo, não impedem a utilização dessa obra, apenas nos alertam para a necessária flexibilidade com que esses escritos de Marx devem ser analisados.

Dessa forma, é estando consciente desse problema mencionado acima que utilizaremos a **Ideologia Alemã** que, por outro lado, por se apresentar entre as diversas obras de Marx como a que trata mais detalhadamente e de forma mais direta a relação sociedade natureza se constituirá em nossa fonte de consulta básica. Em menor escala utilizaremos algumas poucas passagens do **Capital** e das **Formações Econômicas Pré-Capitalistas** e apenas como complemento consultaremos o recente e sugestivo trabalho de DUARTE (1986) que aborda a concepção de natureza em Marx.

Torna-se apenas necessário aqui alertar para o fato de que esse ensaio não passa de um simples esboço, uma reflexão preliminar acerca de um problema que sem dúvida demanda uma ponderação mais prolongada e aprofundada.

\* da Universidade Federal do Mato Grosso.

Um aspecto fundamental da abordagem de Marx acerca desse tema e que nos servirá de ponto de partida é que ele não concebe a sociedade e a natureza enquanto realidades separadas, mas ao contrário, parte do pressuposto de que constituem uma unidade.

Após a já conhecida passagem da **Ideologia Alemã** onde afirma conhecer apenas uma única ciência, a ciência da História, Marx sustenta que:

*"A história pode ser considerada de dois lados, dividida em História da Natureza e História dos Homens. No entanto, estes dois aspectos não se podem separar" (MARX, 1984, p.11)*

Em o **Capital**, ao tratar do processo de trabalho, Marx vai também reforçar essa idéia de unidade ao afirmar que o homem "defronta-se com a natureza como uma de suas forças". (MARX, 1987, p. 202). E em uma outra passagem da **Ideologia Alemã**, Marx critica Bruno Bauer devido a sua concepção de homem-natureza enquanto partes separadas,

*"Como se o homem não tivesse sempre diante de si uma natureza histórica e uma história natural" (idem, p. 28)*

Posteriormente, aprofundando a questão ele acrescenta que essas duas Histórias, na verdade, interagem mutuamente,

*"enquanto existirem homens, a História da natureza e a História dos homens condicionam-se mutuamente" (idem, p. 11)*

Por outro lado, para Marx, a natureza foi um pré-requisito básico para o próprio surgimento do homem, nesse sentido, ele declara que:

*"A primeira premissa de toda a História humana é a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, portanto, a organização física destes indivíduos e a relação que por isso existe com o resto da natureza. Não podemos entrar aqui, naturalmente, nem na constituição física dos próprios homens, sem as condições naturais que os homens encontravam - as condições geológicas, oridrográficas, climáticas e outras" (idem, p. 15)*

Na realidade, dessa assertiva de Marx conclui-se que a natureza apresenta-se como dupla condição. Ela preexiste ao homem, representado condição sine qua non para sua criação. E o homem ao surgir apresenta-se tal qual um feixe de necessidades (necessidade de alimentar-se, beber, abrigar-se, proteger-se do clima etc.) e para satisfazê-las, ele se vê na contingência de recorrer à natureza, relacionar-se com ela e, então, a natureza passa a representar também condição de sobrevivência e manutenção do homem.

Por outro lado, essa ação e influência não é unilateral, não é apenas a natureza que produz o homem, este também produz a natureza. A partir do momento em que se estabelece a relação entre o homem e a natureza, a ação humana passa a interferir no curso da natureza, e mais, a modificá-lo.

É nesse sentido que Marx nos chama atenção de que:

*"toda historiografia tem de partir dessas bases naturais e de sua modificação ao longo da História pela ação dos homens" (idem, p. 15).*

Dessa forma, o substrato natural ao mesmo tempo que representa uma condição para a existência do homem é, a partir da existência deste, também resultado da ação humana.

Marx, ao tratar mais detalhadamente da unidade sociedade-natureza, nos esclarece que ela não se apresenta estática no decorrer do tempo. Ela muda de acordo com o nível de desenvolvimento da indústria. Essa idéia é explicitada, por exemplo, na passagem onde declara que:

*"a unidade do homem com a natureza desde sempre existiu em todas as épocas de formas diferentes segundo o menor ou maior desenvolvimento da indústria" (idem, p. 28)*

Aqui, por outro lado, é possível perceber que para Marx a relação sociedade-natureza é mediada pela indústria, ou em outros termos, que essa relação, na realidade, consiste na transformação da natureza através da indústria.

Um outro aspecto fundamental da concepção marxiana da relação sociedade-natureza é o tratamento dessa relação através de uma abordagem materialista. Nesse sentido, a relação homem-natureza é decifrada a partir das relações materiais de produção e não de representações e idéias apriorísticas e idealizadas dessa relação.

É através do trabalho material e da produção que o homem ao procurar satisfazer suas necessidades, recria a natureza, produz uma segunda natureza humanizada, de maneira que para compreendermos esse processo de transformação da natureza, ou seja, a própria relação sociedade-natureza temos de recorrer às suas bases materiais.

Marx tem a oportunidade de tratar essa questão em uma passagem da Ideologia Alemã onde argumenta que:

*"as idéias que os indivíduos formam são representações ou da sua relação com a natureza ou da sua relação uns com os outros (...) estas representações são a expressão consciente - real ou ilusória - das suas relações e atividades reais, da sua produção, do seu intercâmbio, da sua organização social e política" (idem, p. 21)*

Para os idealistas, porém, a História não passa pelas relações efetivas entre o homem e a natureza, pois segundo essa concepção na História dominam sempre as idéias. De acordo com Marx, a partir dessa concepção:

*"é muito fácil abstrair destas várias idéias a idéia como o que domina na História, e entender assim todas as diferentes idéias e conceitos como autodeterminações do conceito que se desenvolve na História. E então, também é natural que todas as relações dos homens possam ser derivadas do conceito de homem (...) Foi o que fez a História especulativa" (idem, p. 60)*

Dessa maneira, para os idealistas a relação homem-natureza é uma decorrência das representações e das idéias, assim essa relação só poderá ser alterada se, anteriormente, o homem mudar suas idéias e sua consciência, pois são estas últimas que estão no centro da História.

Já para Marx ocorre exatamente o inverso, é o modo como os homens se organizam para se relacionarem com a natureza (para produzirem e consumirem) que vai definir suas representações e as suas consciências. Dessa forma, afirma Marx:

*"são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que ao mudarem esta sua realidade mudam também o seu pensamento." (idem, p. 23).*

Dentro dessa mesma linha de raciocínio se situa ainda a passagem da Ideologia Alemã onde Marx nos lembra que:

*"não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência". (idem, p. 23)*

Dessa maneira, é a partir de uma abordagem fundada nas relações materiais de produção que Marx vai tratar, por exemplo, a importante questão das condições para a libertação real dos homens. Questão que, por outro lado, contribui para nos fornecer pistas importantes para uma melhor compreensão de como Marx concebe a relação sociedade natureza.

Ao tratar esse problema Marx infere que tal libertação somente se efetivará, não quando mudarmos os produtos da nossa consciência, mas quando, entre outras coisas, o desenvolvimento das forças produtivas atingir um nível tal que permita ao homem um certo grau de autonomia frente a natureza, quando os obstáculos que essa tradicionalmente interpõe ao seu desenvolvimento forem em certa medida, superados.

Nesse sentido é afirmado que:

*"de modo nenhum se pode libertar os homens enquanto estes não estiverem em condições de adquirir comida e bebida, habitação e vestuário na qualidade e quantidade perfeitas". (idem, p. 25) Assim, "a libertação é um ato histórico, não um ato do pensamento, e é efetuada por relações históricas, pelo nível da indústria, do comércio, da agricultura do intercâmbio". (idem, p. 25)*

Dessa forma, para Marx, um dos pré-requisitos para a libertação do homem é um certo grau de domínio e controle sobre a natureza. Mais adiante retomaremos novamente essa questão.

Prosseguindo sua crítica à maneira idealista de conceber o mundo, Marx critica Feuerbach por sua crença em uma intuição simples do mundo, expressa na sua visão de uma natureza exterior ao homem, imutável, desde sempre constituída (DUARTE, 1986).

Assim, Feuerbach, ao procurar captar através da contemplação a "verdadeira essência" das coisas,

*"não vê que o mundo sensível que o rodeia não é uma coisa dada diretamente da eternidade, sempre igual em si mesma, mas antes do produto da indústria e do estado em que se encontra a sociedade, e precisamente no sentido de que ele é um produto histórico". (MARX, 1984, p.27)*

Marx, em ocasião ulterior, nos oferece um outro exemplo muito ilustrativo de como a relação entre a sociedade e a natureza só pode ser satisfatoriamente compreendida quando a situamos frente as condições materiais de produção. Assim, nos é lembrado que:

*"a cerejeira, como é sabido, e bem assim quase todas as árvores de fruto, só há poucos séculos foi transplantada para nossa zona por meio do comércio, e por isso só por meio dessa ação de uma determinada sociedade num determinado tempo foi dada à "certeza sensível" de Feuerbach!" (idem, p. 27)*

Não existe, assim, um equilíbrio e uma harmonia na relação homem natureza. Ao contrário, trata-se aqui, em primeiro lugar de uma relação de negatividade onde a sociedade encontra-se em contradição com a natureza, e por ser assim a recria e a modifica constantemente, em segundo lugar essa relação, em oposição ao que imaginava Feuerbach, apresenta-se em constante movimento e transformação. Ela muda na medida em que altera-se o modo de produção, em que muda a indústria, a divisão do trabalho, o intercâmbio etc.

Portanto, em Marx, a relação sociedade natureza muda ao modificar-se o contexto histórico em que se desenvolve. Ela não se apresenta homogênea, indiferenciada e estática no decorrer do tempo, altera-se, vai ganhando novas intermediações, novas determinações à medida em que evolue a própria História.

Dessa maneira, às diversas formas de sociedade correspondem diferentes maneiras de relacionamento com a natureza. Na sociedade tribal, por exemplo, a relação com a natureza expressa-se, através da caça, da pesca, da criação de gado e quando muito de uma agricultura incipiente o que reflete condições de produção pouco desenvolvidas, uma divisão do trabalho apenas esboçada e em consequência uma reduzida capacidade da sociedade de transformar a natureza. Por outro lado, a existência da propriedade comunitária nesse momento irá permitir a apropriação coletiva da natureza, seu usufruto comum.

Na sociedade antiga as condições de produção já se encontram em um novo patamar e então o relacionamento com a natureza expressa-se, nesse momento, através de uma agricultura mais desenvolvida e de uma indústria artesanal. Por outro lado, uma divisão do trabalho melhor esboçada vai resultar em uma capacidade superior de transformação da natureza que vai se exprimir, por exemplo, no surgimento da cidade.

Por outro lado, com relação à propriedade, Marx, na Ideologia Alemã, ao citar o caso romano, lembra que, apesar da propriedade ser comunal, a sociedade romana sendo uma sociedade de classes - de patrícios, plebeus e escravos - vai abrir a possibilidade de uma apropriação privada da natureza. Ele recorda ainda que, com essa nova forma de apropriação,

*"surtem por um lado, a concentração da propriedade privada; por outro lado a transformação dos pequenos camponeses plebeus num proletariado". (idem, p. 18)*

Na sociedade feudal, a relação sociedade natureza, estava condicionada por relações de produção limitadas que refletem-se na pequena cultura agrícola rudimentar, na indústria artesanal e na pequena divisão do trabalho existente.

Por sua vez, a forma de apropriação da natureza é ilustrada pela propriedade feudal a qual, segundo nos lembra Marx,

*"assenta como a sociedade tribal e comunal, novamente, sobre uma comunidade face à qual se encontram, não como face à antiga os escravos, mas os pequenos camponeses servos como classe produtora direta" (idem, p. 19)*

Posteriormente, com o advento da economia burguesa, a grande indústria capitalista intermediará e determinará em escala crescente as novas relações entre a sociedade e a natureza. Os homens, a partir de então, passam a adquirir uma capacidade e um potencial de transformação e domínio da natureza até aquele momento desconhecidos na História que vão se exprimir no aperfeiçoamento da agricultura; no acelerado processo de urbanização - segundo nos lembra Marx, a grande indústria "no lugar das cidades surgidas naturalmente criou as grandes cidades industriais modernas nascidas de um dia para o outro". (idem, p. 78) - e, sobretudo, com o conhecimento progressivo das leis da natureza, na aplicação da ciência natural à produção.

Com relação a este último aspecto Duarte nos lembra:

*"Marx insiste na idéia de que a principal característica da grande indústria enquanto forma acabada da produção no sistema capitalista é o uso consciente das ciências da natureza, que transforma toda a feição do processo de trabalho tradicional". (DUARTE, 1986, p. 81)*

Por outro lado, na nova sociedade capitalista a necessidade de monopólio dos meios de produção por parte de uma classe vai contribuir para a consolidação da apropriação privada da natureza, isto é, da propriedade privada enquanto forma de propriedade capitalista.

O próprio trabalho assalariado pressupõe a separação entre os trabalhadores e seus meios de produção (da terra sobretudo) o que, no limite, significa afirmar que o acesso à natureza não é mais permitido a todos os homens; daqui por diante esse acesso encontra-se interdito aos trabalhadores.

Marx nos oferece exemplos ilustrativos desse processo que aparta o homem da natureza ao tratar do problema do cercamento das terras comuns na Inglaterra, da transformação das lavouras em pastagens e da consequente expulsão dos camponeses da terra.

Nesse sentido, em uma passagem das Formações Econômicas Pré-Capitalista, Marx, após afirmar que no capitalismo ocorre "a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação dos meios e do material do trabalho", conclui que:

*"isto significa, acima de tudo, que o trabalhador deve ser separado da terra enquanto seu laboratório natural". (MARX, 1981, p.65)*

Esse processo desencadeado pela sociedade burguesa que separa o homem dos seus meios de trabalho configurará o que em outra oportunidade Marx irá tratar como fenômeno da alienação. Trata-se, aqui também, da alienação do homem frente a natureza o que significa que, apesar do crescente controle da sociedade capitalista sobre a natureza, os homens, encontram-se cada vez mais afastados dela, cada vez menos se reconhecem nela.

Duarte ao tratar da alienação em Marx aborda com propriedade esse problema ao afirmar que:

*"a natureza se apresenta ao homem como sua fonte de meios de vida e de meios de trabalho. Mas, no capitalismo, quanto mais o trabalhador se apropria da natureza, mais ela deixa de lhe servir como meio para o seu trabalho e meio para si próprio". (DUARTE, 1986, p. 47)*

Esse mesmo autor também nos chama a atenção para a distinção entre Marx e Feuerbach com relação a abordagem desse problema. Para Marx, a origem da alienação da natureza deve ser buscada, não na religião, mas no advento da sociedade capitalista, de forma que a solução para essa alienação encontra-se não na formulação de um novo sistema filosófico, como imaginava Feuerbach, mas na superação dessa forma de sociedade e na posterior implantação do comunismo.

Em uma oportunidade anterior já havíamos afirmado que a relação entre a sociedade e a natureza encontra-se em constante movimento e transformação; gostaríamos de nesse momento retornar a essas considerações a fim de abordar um novo aspecto que tal constatação suscita nas reflexões de Marx.

É possível observar que em Marx essa relação expressa um movimento cuja direção, com o transcorrer do tempo, vem sendo gradualmente transferida do âmbito de uma História estritamente natural para o campo de ação de uma "natureza histórica".

Isso significa que no alvorecer da humanidade, apesar do homem já transformar em certa medida a natureza, de já existir um jogo de ações mútuas, ele está indefeso, encontra-se desarmado frente a ação das forças naturais.

Nesse momento, podemos afirmar que são as leis estritamente naturais que fornecem a direção geral do movimento. Dentro desse contexto, Marx afirma que a natureza:

*"a princípio se opõe aos homens como um poder completamente estranho, todo poderoso e inatacável, com o qual os homens se relacionam de um modo, puramente animal e pelo qual se deixam amedrontar como os animais". (MARX, 1984, p. 34)*

Contudo, ao longo da História essa situação vem se invertendo. O movimento geral que resulta dessa relação é cada vez menos produto de leis estritamente naturais e encontram-se de maneira crescente sob a influência da "natureza histórica" ou melhor da esfera do processo de produção dos homens.

Em sua crítica ao materialismo contemplativo de Feuerbach, Marx refere-se a essa questão ao sustentar que:

*"de tal modo, esta atividade, este trabalho e esta produção (dos homens) são a base de todo o mundo sensível como ele agora existe (Marx se refere aqui ao contexto histórico do século XIX) que se fossem interrompidos ao menos um ano, Feuerbach não só encontraria uma enorme mudança no mundo natural como muito em breve daria pela falta de todo o mundo dos homens (idem, p. 28 e 29)...). É certo que no meio de tudo isto, se mantém a prioridade da natureza exterior (1), e é certo que no meio de tudo isto não tem qualquer aplicação aos homens originais produzidos por geração espontânea (2).*

Ao dar continuidade a esse raciocínio, Marx expressa que:

*"esta natureza que precedeu a História humana não é, de modo nenhum, a natureza em que Feuerbach vive, é a natureza que hoje em dia à exceção talvez de uma ou outra ilha de coral australiana de origem recente, já em parte nenhuma existe" (idem, p.29)*

Em outra passagem da Ideologia Alemã ao criticar a concepção de Feuerbach de que o ser de uma coisa ou de um homem é, ao mesmo tempo, sua essência, esse ponto de vista é novamente reafirmado e reforçada. Nessa ocasião, Marx observa que:

*"Feuerbach nunca fala do mundo do homem nestes casos, refugia-se sempre na natureza exterior, e, para mais, na natureza que ainda não foi dominada pelos homens. Mas a cada nova invenção, cada avanço da indústria separa outro pedaço deste domínio, pelo que diminui continuamente a área que produz os exemplos ilustrativos das proposições de Feuerbach" (idem, p.56)*

Portanto, partindo dessas reflexões de Marx, é possível inferirmos que no decorrer da História nos deparamos, cada vez mais frequentemente, com uma natureza humanizada, produto do trabalho dos homens que através da indústria e da tecnologia torna-se progressivamente responsável pela produção de uma natureza socializada.

Assim, utilizando a terminologia marxiana, visualizamos, convivemos e nos relacionamos, cada dia com maior intensidade, com uma "natureza histórica", "transformada", e, em decorrência, nos defrontamos cada vez menos com a "natureza original", produto de uma História estritamente natural.

A questão que imediatamente se coloca nesse momento é, então, se interrogar se na concepção marxiana a natureza tende a ser reduzida a um simples pano de fundo onde as ações humanas se inscreveriam livremente, isto é, se o homem encaminha-se para a absoluta autonomia e domínio frente à natureza, ou ainda, se a natureza cessa de ser reconhecida como uma potência em si mesma!

Essa questão do domínio da natureza pelo homem vai se revelar em Marx mais complexa do que se possa imaginar a primeira vista. Na verdade, segundo Duarte, frente à ela Marx se mostra ambíguo.

(1) Essa referência à "prioridade da natureza exterior" a nosso ver diz respeito ao fato de que a natureza precede o homem em existência.

(2) Aqui cabe um parêntesis a fim de chamar a atenção para a sequência desse raciocínio onde, após observar que o processo de produção e o trabalho do homem é a base de todo o mundo sensível (inclusive da natureza), Marx acrescenta que, no entanto, "esta diferenciação só tem sentido na medida em que se considera o homem como sendo diferente da natureza". Marx, nessa passagem apenas se mantém coerente com a sua concepção de unidade entre o homem e a natureza. Assim, ele nos alerta para o fato de que o homem não assume a direção do processo de transformação da natureza enquanto uma força estranha à natureza, porém, ao contrário, ele a transforma enquanto uma de suas forças, pois na medida em que é um organismo biológico é a própria natureza.

Este autor nos lembra inicialmente uma passagem dos Grundrisse onde Marx afirma enfaticamente:

*"então o capital cria pela primeira vez a sociedade burguesa e a apropriação universal tanto da natureza quanto das próprias conexões pelos membros da sociedade (...). A natureza torna-se pela primeira vez puro objeto para o homem, pura coisa de utilidade; cessa de ser reconhecida como uma potência em si mesma e o conhecimento teórico de suas leis autônomas surge ele próprio como astúcia para submetê-los aos carecimentos humanos, seja como objeto de consumo, seja como meio de produção"* (Duarte, 1986, p. 83)

Contudo, estas não são as últimas considerações de Marx acerca dessa questão, antes tal concepção refletiria a forma de abordar esse problema do jovem Marx.

De qualquer forma, existe na passagem transcrita acima a tendência explícita de conceber a natureza como uma dimensão totalmente subsumível à História o que levará inclusive alguns exegetas de Marx a apressadamente considerarem que no comunismo, onde se daria o domínio absoluto da natureza pelo aparato técnico-científico, a necessidade do trabalho desapareceria. Sabemos, entretanto, que após a Ideologia Alemã com a crítica aos postulados idealistas de Feuerbach e o conseqüente afastamento e rompimento com sua filosofia, o pensamento de Marx conheceu um ponto de inflexão e conforme nos alerta Duarte suas concepções em torno da relação sociedade natureza acompanharam tal alteração.

A partir desse momento, Marx passa a compreender a natureza como algo que dispõe de uma especificidade própria. (1)

De modo que o Marx maduro de o **Capital** irá tratar o problema já em novos termos. Nesse sentido, por exemplo, Duarte nos recorda um trecho do **Capital** onde Marx concebe o trabalho enquanto necessidade natural eterna:

*"Enquanto criador de valores de uso, enquanto trabalho útil, o trabalho é portanto uma condição de existência do homem independente de todas as formas sociais, necessidade natural eterna de mediar o intercâmbio material entre homem e natureza, logo, a vida humana"* (DUARTE, 1986, p. 88)

Essa passagem do **Capital** nos oferece, portanto, os elementos necessários para concluirmos que por maior que venha a ser o domínio sobre a natureza ele se revelará sempre relativo já que não nos possibilita superar a necessidade do trabalho a qual é estabelecida como necessidade incessante que se impõe a qualquer sociedade, inclusive as do futuro.

Assim, para o Marx maduro a natureza não se constitui uma tábula rasa, ela não é totalmente submissível à História. Há a:

*"existência de um resto de necessidade que sempre aflora, por mais perfeita que seja a organização social e por mais aperfeiçoados que sejam os seus recursos técnicos de intervenção na natureza"*. (idem, p. 89)

(1) Nessa nova concepção de Marx a natureza conserva suas leis específicas o que vai permitir inclusive ao homem servir-se delas para seus objetivos, sem que elas, contudo, se reduzam a esses objetivos.



Por fim, essa realidade garante à natureza não apenas a manutenção de certa especificidade, confere-lhe, também um papel na sua relação com a sociedade o qual vai nos autorizar a conceber essa relação enquanto uma dialética de ações recíprocas.

Por último, a título de conclusão gostaríamos de chamar a atenção de que ao longo das considerações desenvolvidas acima procuramos, conforme já havíamos declarado anteriormente, atingir um duplo objetivo: por um lado, demarcar em Marx, utilizando como texto básico a Ideologia Alemã, suas reflexões acerca da relação dialética entre sociedade e natureza e, por outro, proceder uma análise com intuito de tentar esclarecer de que forma aquele autor concebe essa dialética.

Como produto dessa exploração, cujo caráter preliminar e introdutório deve ser enfatizado, apenas trabalhamos algumas linhas gerais - a concepção sociedade-natureza enquanto unidade; a abordagem materialista dessa relação; as transformações e mudanças que definem essa relação enquanto movimento permanente; a progressiva socialização e transformação da natureza pela sociedade e a permanência da especificidade da natureza - linhas que, contudo, entendemos como centrais para alcançarmos uma primeira aproximação dessa questão em Marx.

#### BIBLIOGRAFIA

- MARX, KARL** (1984) - *A Ideologia Alemã*. São Paulo, Editora Moraes.
- MARX, KARL** (1987) - *O Capital. Volume I*. São Paulo, Editora Brasil - DIFEL.
- MARX, KARL** (1981) - *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- DUARTE, RODRIGO A. DE PAIVA** (1986) - *Marx e a Natureza em O Capital*. São Paulo, Edições Loyola.

#### RESUMO

O objetivo do trabalho consiste em delimitar e analisar a concepção dialética da relação sociedade natureza em Marx. Para esse fim utiliza-se como ponto de partida e referência básica a obra que representa importante ponto de inflexão na evolução da reflexão marxiana: A Ideologia Alemã.

**RESUMÉ**

Le but du présent article est délimiter et analyser la conception dialectique du rapport société-nature en Marx. Pour atteindre ce but on utilise comme point de départ et repère l'oeuvre que représente un infléchissement important dans l'évolution de la réflexion marxiène: L'ideologie Allemande.

**ABSTRACT**

The purpose of this paper is to delimitate and to analyse the dialectical conception of the relation between society and nature in Marx. For this purpose, it is applied as a starting point and basic reference the work wich represents important inflexion point on the evolution of marxian refletion: The german ideology.